

A Companhia das Ilhas apresenta

Call Center

*Henrique Manuel
Bento Fialho*



Apresentação

Nesta recolha de pequenas histórias, o narrador escuta personagens reclusas de um mundo burocrático. *Call Center* é o confessionário onde os paradoxos e as ambiguidades da sociedade de consumo encaixam, libertando-se sob a forma prestidigitada do conto. O absurdo surge como solução possível para contradições insanáveis, vidas sem rumo, situações mais ou menos verosímeis que nos fazem crer ser inútil procurar outro sentido para a vida que não seja o de uma desconfiança permanente sobre o doméstico, a normalidade, o lógico.

Excerto

Ponto assente: vamos morrer. A questão é quando e como. Na verdade, o como não chega a ser questão. Podemos morrer de morte súbita, de morte lenta, de acidente, assassinados, podemos pôr termo à vida. Que importa? A questão essencial é quando vamos morrer. Se esta dúvida nunca atormentou o leitor, ponha os olhos em Adalberto Pirralha. Morreria para saber quando seria o seu momento fatal.

Ficha técnica

Género: Ficção
Ano: 2014
Coleção: azulcobalto
Número de edição: 38
ISBN: 978-989-8592-47-7
Dimensões: 11x15 cm
Nº de páginas: 64
PVP: 9,00 €

Henrique Manuel Bento Fialho

Rio Maior, 1974.

Livros publicados:

Entre o dia e a noite há sempre um sol que se põe (ed. do autor, 2000)

Antologia do Esquecimento (ed. do autor, 2003)

Estórias Domésticas & Outros Problemas (OVNI, 2006)

O Meu Cinzeiro Azul (Canto Escuro, 2007)

Estranhas Criaturas (Deriva, 2010)

A Dança das Feridas (ed. do autor, 2011)

Rogil (Volta d'Mar, 2012)

Suicidas (Deriva, 2013)

Participação e inclusão em várias revistas e antologias.



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico, Açores, Portugal

TM +351 912 553 059 / +351 917 391 275
TEL +351 292 672 748

www.companhiadasilhas.pt
companhiadasilhas.lda@gmail.com

Leituras, notas críticas

Também poeta e bloguista muito activo, Henrique Manuel Bento Fialho tem-se destacado como cultor da narrativa breve ou brevíssima. Em “Cal Center”, reúne 39 histórias que são como chamadas perdidas, imunes aos rígidos protocolos do realismo vigente. No universo de HMBF, o espelho que reflecte a sociedade partiu-se em mil estilhaços, e é sobre essas arestas de vidro que as personagens caminham, cortando-se e sangrando, mais impulsionadas pelo espanto do que pela revolta, seguindo ainda assim em frente, através do negrume. As incongruências da vida gregária (na família, no bairro, no país) e a entropia social geram uma energia turva que explode através de situações absurdas. Um homem parado cria literalmente raízes, uma certa Amélia confunde de forma trágica “os planos do real e do onírico”, a borbulha na ponta do nariz provoca o apocalipse de uma mulher “lindíssima”, um toureiro consegue ser mais cruel fora da arena do que dentro dela, um narrador “muito desorganizado e muito esquecido” tem pelo menos o consolo de nunca se esquecer de onde se esquece das coisas. Há ainda discussões e pancadaria da grossa, crimes passionais, embustes artísticos, pesadelos de vária sorte, além de fábulas sem moral, como a do magnata norte-americano que, de férias em África, “capturou o capitalismo selvagem” e lhe dedica um jardim zoológico. Alguns textos revelam-se demasiado esquemáticos, ou gratuitos, mas outros acertam em cheio. E o caso de “Assalto”, em que o gerente de um banco pede calma e paciência ao exaltado assaltante: “Talvez não seja má ideia esperar que os clientes em fila de espera na caixa 2 sejam primeiro roubados por nós.”

[José Mário Silva, *Expresso/Actual*, 5 de Agosto de 2014]

